

que percebidas, elas são individualizadas e recebidas com destaque [24].

Além de ser instrumento de comunicação entre os seres humanos, a imagem também pode ser a intercessão entre os seres e o próprio mundo.

A função informativa (ou referencial), muitas vezes dominante na imagem, pode também amplificar-se numa função epistêmica, concedendo-lhe então a dimensão de instrumento de conhecimento. Instrumento de conhecimento porque fornece, com certeza, informações acerca dos objetos, lugares ou pessoas através de formas visuais tão diferentes como as ilustrações, as fotografias, os desenhos ou ainda os painéis [25].

Percebe-se que a função de conhecimento é associada à função estética da imagem, ao proporcionar sensações específicas (aisthésis) ao seu espectador.

Gombrish [26] assinala que não existe oposição entre o grosseiro mapa mundi feito por uma criança e um mapa elaborado com imagens naturalistas: toda arte tem origem na mente humana. As categorias de classificações das impressões sempre podem ser ajustadas às nossas necessidades.

O conhecimento ou, mais especificamente, o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. É preciso, então, considerar que o trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevôo conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam [27].

Para Maruyama [28], sem o sentimento de humanidade, entendido também como princípio de identificação à espécie, não há engajamento possível. Pode-se deduzir que a imagem pode ser instrumento de comunicação e de engajamento, especialmente se tiver relações diretas com a percepção ambiental.

Sobre a percepção

Merleau-Ponty [29] afirma que o mundo da percepção, isto é, o mundo que é revelado pelos sentidos e pela experiência de vida, parece ser o que mais é dominado e conhecido, pois não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele. Contudo, isso não passa de uma falsa aparência.

O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida. anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema. Quando caminho em meu apartamento, os diferentes aspectos sob os quais ele se apresenta a mim não poderiam aparecer-me como os perfis de uma mesma coisa se eu não soubesse que cada um deles representa o apartamento visto dagui ou visto dali, se eu não tivesse consciência de meu próprio movimento e de meu corpo como idêntico através das fases desse movimento. Evidentemente, posso sobrevoar o apartamento em pensamento, imaginá-lo ou desenhar sua planta no papel, mas mesmo então eu não poderia apreender a unidade do objeto sem a mediação da experiência corporal, pois aquilo que chamo de uma planta é apenas uma perspectiva mais ampla: é o apartamento 'visto de cima', e, se posso resumir nela todas as perspectivas costumeiras, é sob a condição de saber que um mesmo sujeito encarnado pode ver alternadamente de diferentes posições [30].

Já Aumont [31] conceitua a percepção visual como o processamento, em etapas sucessivas, de uma informação que chega através da luz que 'entra' nos olhos. Ele não usa o termo 'percepção visual do espaço', já que há outros sentidos envolvidos, como colocados adiante. A idéia de espaço está fundamentalmente vinculada ao corpo e a seu deslocamento.

Para Oliveira [32], percepção é "essencialmente egocêntrica e ligada a uma certa posição do sujeito percebedor em relação ao objeto, ao percepto, sendo estritamente individual e incomunicável (senão através da linguagem ou do desenho".

Elementos objetivos



Figura 3: elementos objetivos da matriz